

LEONARDO BOFF

Escritor e teólogo

Sem o pé não há futebol nem Copa do Mundo

Em homenagem aos milhões de torcedores de futebol nesta Copa Mundial escrevi este elogio do pé sem o qual não haveria futebol nem Copa do Mundo. Eis o texto todo centrado no pé.

Se algum extra-terrestre viesse à Terra e reparasse como os humanos tratam os pés, suspeito que ficariam escandalizados. Parece que consideram os pés a parte menos nobre do corpo pois os escondem. Pior, tentam sufocar os pés com um pedaço de pano, chamado de meias.

Depois estrangulam os pés com algo mais duro, de couro, os sapatos ou tênis. E não contentes amarram os sapatos com os pés dentro, com finas cordas, os cadastros, para se assegurar de que os pés não vão se libertar.

E por fim, colocam todo o peso do corpo em cima dos pés, obrigando-os a cheirar o pó dos caminhos, a sofrer a dureza das pedras e a sentir a sujeira das poças d'água

Mas essa interpretação dos pés, feita pelos alienígenas é exterior e equivocada. O que fazemos aos pés é cuidar dos pés, pois os pés constituem nosso meio natural de transporte. Quase sempre andamos a pé pela casa e na grama. Mais ainda, os pés são o sinal mais convincente de nossa hominização. Deixamos para trás o reino animal quando nossos ancestrais antropóides se ergueram sobre os pés e começaram a andar eretos, para ver mais longe, permitindo o desenvolvimento do cérebro e descobrir os melhores alimentos.

Anatomicamente os pés são um milagre, com dorso duro para aparar os atritos e a planta consistente para defender-se das asperezas do solo.

Uma rede de pequenos tendões garante as articulações que conferem equilíbrio aos movimentos dos pés. O que não fazem os dançarinos com os pés!? Há até gente que pintam ou escrevem com os pés. Há quadros dramáticos do grande pintor espanhol Goya que os pintou com os pés.

O pé é tão importante que foi escolhido por muitos povos antigos e modernos, assim os anglo-saxões, como a unidade de medida. Um pé corresponde a 30,48 cm. A poesia, a forma mais nobre da literatura, tem que ter pés certos para ser harmoniosa, especialmente, a forma mais alta de poesia que é o soneto.

Sem os pés não teríamos o futebol para o qual os pés são tudo. Nem os articulistas da revista LIBERTA se propuseram a criar sua seleção. É o esporte mais criativo, diverso e mobilizador que existe. Somente com os pés. A mão não vale, só é permitida para o goleiro. Mas mesmo assim, ele chuta, geralmente, a bola com o pé.

O pé no futebol constitui uma metáfora do que melhor podemos apresentar: a combinação feliz do desempenho do indivíduo com a cooperação do grupo. O futebol pode ser uma verdadeira escola de virtudes: autodomínio, tranquilidade, gentileza e capacidade de compreensão ao não retrucar ponta-pé com ponta-pé. Porque somos humanos e nos descontrolamos, às vezes tal coisa pode acontecer. Mas não é permitida. O jogador que usou assim o pé, é advertido, punido com cartão amarelo ou vermelho e até pode ser expulso. Sem o pé nem haveriam os campeonatos de futebol e muito menos a Copa Mundial de Futebol no México, nos EUA e no Canadá.

As várias significações de pé nos permitem fazer o elogio do pé.

Num mundo politicamente sem pé nem cabeça, com chefes de Estado metendo os pés pelas mãos nos conflitos como na Faixa de Gaza com Israel, na Ucrânia com a Rússia, no Congo e no Irã com os EUA sempre em pé de guerra contra os outris e contra o terrorismo, encontramos no Campeonato Mundial de Futebol, um pé para pensarmos uma sociedade mundial que dê pé para formas de convivência amigável e até fraternal que encontram um pé de apoio no entusiasmo das torcidas em todos os países. Pena que tudo isso foi deturpado pelo Presidente Trump que deu um ponta pé num famoso árbitro e em inteiras equipes técnicas.

Por um lado, devemos estar com um pé atrás diante dos utopismos; por outro, não devemos arredar o pé na busca de formas civilizadas de convivência global. Logicamente esse mundo não chega nem aos pés do sonho de tantos que querem outro mundo possível, tendo seu pé na esperança humana inarredável.

Podemos começar com o pé direito já agora, ficando ao pé das vítimas, mesmo que tenhamos, à vezes, que fazer pé atrás por causa das pressões dos poderosos e de suas ameaças. Mas vamos bater pé nessa causa sagrada, sabendo que ela não se alcança com o pé nas costas. Jamais vamos dar no pé. Mas insistir e persistir batendo o pé.

Oxalá os parentes e os amigos nunca nos deixem a pé. Caso contrário teremos que sofrer que só pé de cego que, pobrezinho, se orienta com a bengala e vive tropeçando aqui e acolá, machucando os pés.

Como se depreende, os pés são fundamentais em quase tudo em nossa vida. Eles dão pé para tantas coisas. Quando queremos dormir a gosto dizemos que dormimos de pé espalhado (em espanhol: dormir a piernas sueltas)

Este texto deseja bom pé para a Seleção Brasileira e também para os jornalistas e comentaristas da revista LIBERTA do Instituto Conhecimento Liberta (ICL) que resolvera criar sua própria seleção. Quem a assinar a revista LIBERTA terá notícias com pé na verdade e comentários com pé e cabeça. Mantenhamo-nos sempre atentos e de pé.

VICTOR CORRÊA

Jornalista, mestre e doutorando em Gestão e Políticas Públicas

As dores da pandemia ainda ecoam

Ninguém gosta de lembrar do que é ruim.

A pandemia já parece distante. As máscaras saíram dos rostos, os boletins desapareceram da televisão, as ruas voltaram a encher. É como se tivéssemos empurrado as dores daquele período para debaixo do tapete.

Mas uma experiência coletiva de medo, luto e isolamento não desaparece apenas porque a vida parece ter voltado ao normal.

Como conseguimos andar de máscara por tanto tempo? Como foi possível nos acostumar com as notícias de morte, com o álcool em gel na entrada dos prédios, com o silêncio das ruas, com o receio de tocar em maçanetas, corrimãos e itens de supermercado?

No Brasil, o medo do vírus conviveu com uma crise política permanente. Discutíamos máscara, vacina, isolamento, número de mortos, tratamento sem eficácia, abertura de comércio, fechamento de escolas. Medidas básicas de proteção passaram a ser lidas como posição política. Quando mais precisávamos de coordenação política, o país conviveu com o conflito.

Houve um momento em que a pandemia inverteu a ordem natural da vida. No início, muitos filhos enterraram seus pais e avós. Depois, com o rejuvenescimento dos casos graves, vieram também os pais que enterraram seus filhos.

Lembro do Francisco, um homem que entrevistei naquele período. Ele foi chamado ao hospital onde sua única filha, de 23 anos, estava internada. Ele acreditava que ela voltaria para casa. Levou roupa nova, sapatos e até maquiagem para que ela saísse dali arrumada.

Mas, ali, diante da equipe médica, recebeu a notícia da morte.

Francisco não se aguentou em pé. Chorou no chão, desolado, diante dos meus olhos. O que eu poderia fazer ali?

Há cenas que não passam junto com o tempo.

A covid-19 matou mais de 700 mil pessoas no Brasil. Mas a contagem oficial não alcança tudo o que se perdeu. Não mede a culpa de quem sobreviveu, a exaustão de quem trabalhou na linha de frente, o luto de quem não pôde se despedir, a ansiedade de quem nunca mais voltou a se sentir seguro.

A pandemia não deixou apenas mortos, órfãos, sequelas físicas e estatísticas. Deixou também marcas psíquicas que ainda não sabemos bem como tratar. A Organização Mundial da Saúde estimou que, no primeiro ano da covid-19, a prevalência global de ansiedade e depressão aumentou 25%.

No Brasil, esse adoecimento teve rosto. Pesquisa divulgada pela Fiocruz apontou que sintomas de ansiedade e depressão atingiram 47,3% dos trabalhadores de serviços essenciais durante a pandemia. Quem segurou parte da vida funcionando também saiu ferido.

A pandemia também mudou o vocabulário do sofrimento. Muita gente passou a procurar terapia, psiquiatra, diagnóstico, explicação para a ansiedade, a insônia, o pânico, a exaustão. Isso importa. Nomear o que se sente é um avanço. Mas há uma diferença entre encontrar um nome para a própria dor e elaborar, como sociedade, o trauma de um período em que a morte virou presença cotidiana.

Há marcas que permaneceram em gestos pequenos. Meus pais, por exemplo, lavam as compras com água e detergente até hoje. Pode parecer excesso, mas talvez seja uma forma de dizer que a pandemia não saiu completamente da rotina de quem a atravessou.

A pandemia saiu do nosso cotidiano antes de sair inteiramente de nós. Permaneceu em sentimentos que ainda temos dificuldade de nomear. A vida parece ter voltado ao normal. Mas não voltou igual.

ERLON LABATUT

Especialista em robôs para empresas e em varejo, além de consultor de franquias credenciado pelo SEBRAE

Robôs domésticos: o fim da "guerra das louças"?

Existe uma estatística da última década que nunca vi em cartaz de motivação, mas que deveria estar: de acordo com pesquisa da Harvard Business School com 3.000 casais, até 25% dos divórcios podem ter as brigas sobre tarefas domésticas como estopim. Nem infidelidade e nem dinheiro — embora esse seja o líder histórico. Mas sim no momento de organizar a casa, como passar as roupas e a discussão de sempre sobre quem vai lavar a louça.

Pense nisso por um momento. É cômico e trágico ao mesmo tempo. E é exatamente esse cenário que colo-

ca a nova geração de robôs domésticos em uma posição muito mais interessante do que qualquer análise técnica consegue capturar. O que hoje se vende como automação residencial vai além da tecnologia: ajuda a reduzir um dos conflitos mais antigos da vida a dois ao solucionar desafios da rotina doméstica.

Estudos divulgados em 2016 pelo Pew Research Center apontaram que compartilhar tarefas domésticas está consistentemente entre os cinco fatores mais importantes para um casamento bem-sucedido — à frente até de harmonia

sexual e compatibilidade financeira em algumas faixas etárias. Com esse olhar, a guerra mais antiga da humanidade está prestes a ter um árbitro de metal.

Em 2026, quatro robôs lideraram a nova fase da automação doméstica. O Memo, da Sunday, aprende tarefas a partir de dados coletados em mais de 500 casas reais; o NEO, da 1X, aposta em formato humanoide e operação híbrida com suporte remoto; o Helix 02 + Figure 03, da Figure AI, se destaca por executar tarefas complexas de forma autônoma; e o CLOiD, da LG, funciona como hub inteligente para integrar e coordenar toda a casa conectada.

De volta ao começo, observa-se que tarefas domésticas geram con-

flicto porque carregam junto uma conversa sobre respeito, responsabilidade e parceria. Não é (e nunca foi) sobre a louça. Se um robô assume o serviço, o conflito em torno dessas tarefas desaparece. Não porque o problema foi resolvido, mas porque o objeto da discussão foi removido.

O que está sendo construído em 2026 é mais do que tecnologia. É uma reconfiguração de como as pessoas vão dividir — ou não dividir — o trabalho invisível que sustenta uma casa. Essa guerra pode estar chegando ao fim. E quem vai vencer, no fim das contas, não é a Samsung, nem a LG e nem a Sunday. São os casais que vão conseguir parar de brigar sobre quem deveria ter lavado as panelas.